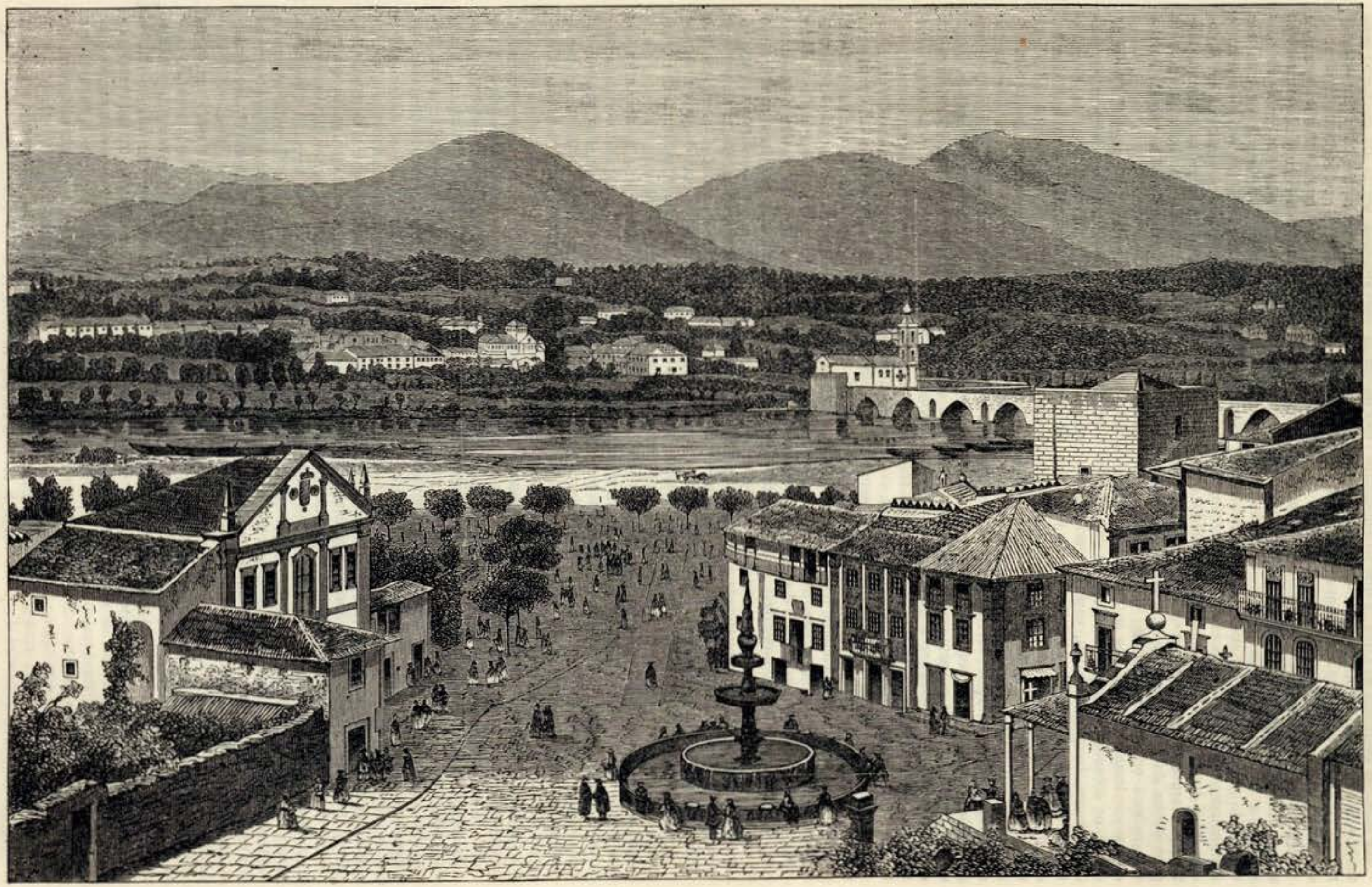


Villa de Ponte do Lima

VILLA DE PONTE DO LIMA

Na margem esquerda do Lima, a uns 15 kilometros da sua foz, ergue-se a villa de Ponte do Lima do meio da mais formosa e ridente paizagem que os olhos podem appetecer para enlêvo d'alma.

Meio recostada em uma collina, que a está toucando com a frondosa ramagem de basto arvoredo; meio sentada á beira do rio, que parece ensoberbecer-se retratando em suas limpidas aguas os monumentos da antiguidade, que attestam a nobreza da povoação, tem esta villa diante de si um panorama encantador dilatado por largos horisontes. Para qualquer lado da margem direita do Lima que a vista relanceie, vê prados viçosissimos orlados de arvores, d'onde pendem videiras em longos festões, que se enlaçam, engrinaldando os mesmos prados; vê soutos de carvalhos e castanheiros, bosques sem fim, vestindo encostas, cobrindo oiteiros, e cingindo com seu manto de variados matizes mil edificios que alvejam n'aquelle immenso mar de verdura; aqui antigos palacios e torres ameiadas, antiquissimos solares de familias nobres; alli egrejas ou capellinhas com suas torres de cupula ao modo oriental; acolá pequenas aldeias; além humildes casas, por toda a parte espalhadas, como para quebrar com a sua brancura a monotonia de tantos verdores; e finalmente vasto amphitheatro de serras fazendo caixilho a tão bello e magestoso painel.

Aos encantos da situação reunem-se alli as memorias historicas de remotas eras. Ainda que não tenha a antiguidade que alguns auctores pretendem dar-lhe, attribuindo-lhe uma origem grega, ou celtica, ou turdula, muito anterior ao nascimento de Christo, é certo, e isto lhe basta para brazão honorifico, que no seculo II da era christã já tinha nomeada como cidade importante da Lusitania. E n'esta qualidade a designa o itinerario do imperador Antonino Pio com o nome de *Limia*.

A historia da sua fundação é pois ignorada, ou pelo menos escurissima, e como tal envolta em fabulas. Porém a opinião que apresenta em seu favor maior numero de probabilidades, é a que lhe dá por fundadores os povos limicos, que viviam no territorio cortado pelo rio Lima, desde a sua ponte até á foz; e que lhe assignala o seu principio pelos annos de 140 antes da vinda de Christo. *Limia* foi, ao que parece, o seu primeiro nome, derivado do rio que a banhava, ou dos povos que a fundaram e habitaram.

Até ao tempo da abertura da via militar de Braga a Astorga, por Tuy, que se presume ser no reinado de Augusto Cesar, em que teve principio a era christã, não passaria *Limia*, certamente, de uma terra pequena e pobre, como eram todas as povoações da Lusitania antes de vir animal-as e dar-lhes novas condições de existencia o trato dos romanos. Aquella estrada, com sua ponte sobre o Lima, devia necessariamente trazer-lhe desenvolvimento e prosperidade; pois que prolongando-se até Lisboa, que tanto floresceu sob o dominio de Roma, e communicando-se d'aqui com a outra excellente via militar que conduzia a Merida, atravessando a Estremadura e o Alemtejo, era de per si um instrumento de industria, uma verdadeira fonte de riqueza.

No proprio nome de *Forum Limicorum*, com que os romanos lhe substituiram o antigo de *Limia*, julgâmos achar uma prova do seu engrandecimento e importancia. Designando o vocabulo *Forum* não sómente praça em que se celebravam assembléas ou ajuntamento de povo, mas tambem o logar em que faziam feiras e mercados publicos, devemos suppor com bom fundamento que n'este ultimo sentido lhe deram os romanos aquelle nome, commemorando n'elle o grande movimento commercial d'aquella terra. E assim devia de ser, achando-se situada a tão pouca distancia do Oceano, que lhe offerecia abundante pescaria, junto de um rio navegavel até á sua foz, e n'essa epocha ainda por algumas legoas da povoação para cima, e finalmente sobre uma das principaes estradas que os romanos construiram na Peninsula Iberica.

Os escriptores hespanhoes que se tem occupado de antiguidades, pretendem que o *Forum Limicorum* não tivera aqui o seu assento, mas sim junto da nascente do Lima, na Galliza, em um logar chamado *Ginzo*, proximo do qual ainda um sitio conserva a denominação de *Limia*. Porém os mappas de Ptolomeo, o itinerario de Antonino Pio, e as columnas milliarias descobertas nas visinhanças da villa de Ponte do Lima, não deixam duvidar da situação do *Forum Limicorum*.

Dizendo Ptolomeo que estava a pouca distancia do mar, destroe a opinião dos auctores castelhanos, pois que *Ginzo* fica a 20 legoas da costa. O itinerario de Antonino Pio, feito no seculo II da era de Christo, e cuja authenticidade uns negam outros defendem, chama-lhe, é verdade, *Limia*, mas situando esta povoação sobre a via militar de Braga a Astorga por Tuy e Lugo, e accrescentando que ficava a 19 milhas de Braga, distancia que separa esta cidade da actual villa de Ponte do Lima, concorda perfeitamente com Ptolomeo, e mostra que *Limia* e *Forum Limicorum* era a mesma terra. Finalmente, as columnas milliarias a que alludimos, e das quaes já tratámos n'outro logar [1], attestam que a mencionada via militar passava por onde agora vemos aquella villa, ou perto d'ella.

Quando os barbaros do norte, depois de terem vencido a altiva Roma, se lançaram sobre a Hespanha e a Lusitania, saciaram o seu odio contra os romanos em tudo quanto encontravam que lhes recordasse o poder e a industria dos seus irreconciliaveis inimigos. D'est'arte derrocaram pelos fundamentos a maior parte dos padrões da civilisação romana. É claro que não podiam deixar de entrar n'esta lista de proscripção as povoações que tinham nascido e medrado sob o influxo protector d'esse grande povo.

As que primeiro sentiram o impulso da sanha dos barbaros, e que mais soffreram com a fereza e brutalidade dos seus golpes, foram aquellas que até alli mais se desvaneciam das vantagens da sua situação, as que se achavam sentadas á beira das vias militares ou proximo d'ellas.

O *Forum Limicorum* foi por tal sorte arrazado e anniquilado, que não se encontram memorias da sua existencia em todo o periodo da dominação dos godos, e até desappareceram os seus vestigios, dando ao diante occasião a controversias sobre a sua propria localidade, como acima notámos. Entretanto, sobre as ruinas da povoação romana, ou nas suas visinhanças, e aproveitando-se dos seus materiaes, vieram estabelecer-se algumas familias pobres, descendentes, talvez, dos antigos moradores do *Forum Limicorum*, e ahi formaram uma nova povoação. Succedeu isto ainda em tempo dos reis godos; mas tão mesquinha e miseravel era essa terra, que nem o nome se lhe sabe, apesar de constar de memorias escriptas que os arabes na sua entrada na Lusitania a destruiram completamente.

Pelos annos de 1125, achando-se estes territorios já desaffrontados dos moiros, e fazendo parte do condado de Portugal, a esse tempo governado pela rainha D. Theresa juntamente com seu filho, o infante D. Affonso Henriques, mandaram estes soberanos povoar de novo aquella terra, e por essa occasião concederam-lhe foral com muitos privilegios, segundo era costume, com o fim de attrahir moradores á povoação que se levantava do seu tumulo.

O foral chama-lhe *Ponte do Lima;* e é a primeira

[1] Vid. pag. 337 do vol. VI.

vez que tal nome figura em documento publico. Este nome deixa presumir que n'essa epocha ainda existia de pé a ponte construida pelos romanos sobre o Lima, para dar passagem á via militar de Braga a Astorga. Tambem o proprio foral parece confirmar, de algum modo, esta conjectura, pois que n'aquelles tempos, em que a população do paiz era diminuta, ao que mais se attendia era a povoar os logares que por qualquer circunstancia offereciam pontos de defesa. Se aquella obra de arte, com effeito, ainda então se conservava, era uma medida de boa governança pôr-lhe ao pé uma povoação que a guardasse, e ahi embargasse o passo ao inimigo pela unica ponte que havia lançada sobre o Lima, mórmente em um periodo da nossa historia em que os leonezes começavam a inquietar-nos.

Confirmou el-rei D. Affonso II aquelle foral, e accrescentou-lhe mais algumas regalias. Não obstante, porém, todo este esforço da auctoridade, Ponte do Lima, em vez de augmentar, despovoava-se de dia para dia. Não sabemos ao certo a causa d'este facto, achando-se a povoação renascida em tão boas condições economicas, como eram, além das vantagens naturaes da situação e dos favores dos soberanos, a fertilidade do solo, e abundancia de excellentes aguas.

Esta falta de causa conhecida, ou, diremos melhor, talvez, este effeito malefico em contradicção com tantas causas de bem, leva-nos a crer, juntamente com algumas outras razões que omittimos para brevidade, pois que nos obrigariam a um longo estendal de considerações; leva-nos a crer, repetimos, que todo o mal proveiu do desmoronamento da ponte no reinado de D. Affonso II, ou no de seu pae, el-rei D. Sancho I, em consequencia de progressiva ruina, ou de alguma cheia do rio mais violenta e assoladora que a de qualquer outro inverno. É possivel, e mesmo provavel, considerando o atrazo e desleixo em que n'esses tempos se achava entre nós a agricultura, que Ponte do Lima tirasse a maior parte dos seus recursos do commercio alimentado pela affluencia dos viandantes, que forçosamente viriam alli buscar a passagem da ponte. Ainda na actualidade estamos presenciando a decadencia de algumas terras em meio de condições naturaes de prosperidade, só pelo facto de lhe ser ferido algum ramo da sua industria ou deslocado qualquer outro grande interesse por effeito dos melhoramentos materiaes do paiz.

O que é certo é que ao tempo da acclamação del-rei D. Pedro I estava Ponte do Lima quasi reduzida, como outr'ora, a um montão de ruinas, d'entre as quaes apenas surgiam um pequeno numero de choças de palha, onde viviam miseravelmente alguns pobres pescadores do rio.

Resolvendo-se então aquelle monarcha a reedificar e povoar novamente a villa, começou pela fundação de uma cerca de muralhas torreadas, e pela reconstrucção da ponte, circunstancias que abonam de certo modo aquellas nossas conjecturas. Cabe, porém, a D. Pedro I o titulo de fundador, não só porque fez a ponte quasi inteiramente de novo, mas tambem, e principalmente porque, abandonando o primitivo local da villa, que era um pouco abaixo do logar onde hoje vemos o edificio do extincto convento de S. Francisco, fundou a villa actual junto da ponte. Abriu ruas, construiu casas, e cercou tudo de grossa muralha fortalecida com varias torres ameiadas, barbacã, e cinco portas, denominadas: *do Souto*, *do Postigo*, *da Ponte*, *de S. João*, e *de Braga*. Esta ultima tomou mais tarde o nome de *porta do palacio dos viscondes*, por ficar proxima do palacio dos viscondes de Villa Nova da Cerveira. Tambem a ponte foi construida ao modo de fortaleza, guarnecendo-se-lhe as guardas com ameias, e defendendo-se-lhe as extremidades com duas altas e fortes torres, por baixo das quaes se passava para entrar e sair d'ella. Trabalhava-se n'estas obras no anno de 1360.

Animou-se e medrou a villa nos primeiros tempos, porém não tardou a perseguil-a o seu mau fado.

As guerras que rebentaram entre Portugal e Castella no começo do seguinte reinado, e que se repetiram no decurso d'elle, deixando assoladas muitas terras do reino, principalmente da provincia do Minho; as discordias civis que agitaram a nação n'essa mesma epocha, por causa do casamento del-rei D. Fernando com D. Leonor Telles de Menezes; e finalmente a lucta que se accendeu pela morte d'este soberano sobre a successão da coroa, actuaram sinistramente sobre a villa de Ponte do Lima. Além do que padeceu com a passagem de tropas amigas e inimigas, algumas familias se viram obrigadas a expatriar-se por terem abraçado e seguido com ardor a causa de D. João I de Castella, que pretendia succeder no throno de Portugal por parte de sua mulher, a rainha D. Beatriz, filha unica do nosso rei D. Fernando I. Depois d'isto vieram as emprezas d'Africa e as navegações arrabatar-lhe muitos filhos.

Por este caminho chegou a villa a tal estado de decadencia no principio do seculo XVI, que el-rei D. Manuel, tratando de reformar os foraes das terras do reino, accrescentou ao foral do Ponte do Lima, entre outros, um dos maiores, se não o maior privilegio que o monarcha podia conceder a qualquer povoação para lhe attrahir moradores, e que consistia em isentar os seus habitantes de pagar portagem e direitos em todo o paiz.

Com estes favores, e, ainda mais, com o benefico influxo das felicidades d'esse reinado, que deram a el-rei D. Manuel o epitheto de *afortunado*, prosperou Ponte do Lima, até chegar a contar dentro de seus muros tres mil moradores.

Este estado, porém, não foi de longa duração. Os sessenta annos do captiveiro de Portugal, e os vinte e sete annos da guerra da restauração da nossa independencia, impondo á nação tão grandes e prolongados sacrificios, e sujeitando-a a todo o genero de prejuizos e infortunios, de novo empobreceram e despovoaram Ponte do Lima.

No seculo XVIII ergueu-se outra vez do abatimento, graças ás riquezas que o Brasil enviava para Lisboa, e que d'aqui refluiam para todo o reino; e graças tambem ao desenvolvimento que tiveram n'esse tempo a navegação e o commercio da villa de Vianna do Minho, hoje cidade de Vianna do Castello, com o que muito lucrou Ponte do Lima.

Porém como a historia do nosso paiz é uma serie de vicissitudes em que a adversidade se succede promptamente a qualquer periodo de mais alguma florescencia, trouxe-nos o seculo XIX, logo na sua entrada, as invasões estrangeiras, a ausencia da corte, e depois trinta annos de revoluções e luctas civis, que lançaram no maior definhamento e prostração não só aquella villa, mas a todo o reino.

Felizmente, parece travada a roda das desgraças publicas. A alavanca do progresso, que vae levantando a nação do seu fatal torpor, tambem já faz sentir a sua influencia em Ponte do Lima.

No antigo regimen tinha esta villa voto em côrtes, sentando-se os seus representantes no quinto banco. Tem por brazão de armas um escudo com uma ponte entre duas torres. Foi seu ultimo alcaide-mór o sr. marquez de Ponte do Lima, que é decimo septimo visconde de Villa Nova da Cerveira, primeiro viscondado que houve em Portugal. O titulo de marquez de Ponte do Lima é creação da rainha D. Maria I, no anno de 1790, em favor de D. Thomaz Xavier de Lima, visconde de Villa Nova da Cerveira, então seu ministro e secretario de estado dos negocios do reino.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

(Vid. pag. 204)

AS PEROLAS DE GELO

I

Tem sido longo o meu silencio, e se v. exc., sempre solicita e carinhosa, me perguntasse a causa d'esta mudez anormal, mudo ficaria, e enleiado e extatico, como um penitente, que nem sequer tem coragem para impetrar o perdão dos seus peccados.

E comtudo, senhora minha, é tal a confiança que eu tenho na sua bondade, thesoiro inexhaurivel de graças e mercês, que me atrevo a escrever-lhe esta carta, sem fazer um exordio prévio, cheio de *imagens grandiosas e altos pensamentos*, como sóem muitos poetas d'agora, que andam sempre a clamar pela phantasia, musa esquiva, que elles não conhecem, porque só sabem repetir em periodos sibyllinos o que os genios inspirados escreveram em outras epochas.

Podia eu n'esse exordio fazer um acervo de nomes illustres; citar opiniões encontradas dos mais preclaros philosophos de todas as escholas; apresentar dois versos de Shakspeare, de que todos fallam e que poucos conhecem; podia, em fim, patentear vastissima erudição, quer romantica, quer classica, concluindo por lhe affirmar que o unico motivo da minha ausencia foi a caprichosa preguiça, esse peccado mortal cheio de delicias e tentações malevolas.

Se eu soubesse que já ninguem lia Santo Agostinho, havia de citar o nome d'este grande santo; mas como eu nunca o li, podia a maldita critica envenenar as minhas intenções, que são tão innocentes como o olhar distrahido que v. exc. lança, ás vezes, para as perolas do seu collar!

E eis-me voltado ás perolas sem o querer! e v. exc. ri-se e approva. Pois então fallarei de perolas, mas perolas de gelo, como as que o mau rico dá á esposa em dia de regozijo domestico, e que não valem uma lagrima bem sentida, bem do intimo, que, baloiçando-se nas palpebras da casta mãe de familias, vae cair nas faces crestadas do marido, que só em continuo labutar encontra farta mantença para os filhinhos.

II

A neve é um dos grandes espectaculos da natureza; é o vestido luctuoso e funebre das montanhas, d'essas desoladas viuvas, que, topetando com as nuvens, parecem chamar eternamente por quem lhes venha encher a solidão angustiosa.

Nos valles é a neve um capricho de inverno.

Todavia, tanto nos valles como nas montanhas, todos os phenomenos da neve estão sujeitos a leis naturaes, a leis harmonicas, que são a propria essencia do universo.

Fallarei de um capricho apparente da natureza, d'essa deidade que os gregos tanto amaram e cantaram, que os gregos, materialistas por instincto e por indole, amantes da fórma, adoradores da ficção physica, andaram estudando como artistas e não como philosophos.

Quantas vezes, por frias manhãs de inverno, quando os telhados alvejam com a geada, e o arvoredo se cobre de gélidos pingentes cristallinos, que parecem lagrimas dos ramusculos moribundos ao despedirem-se da vida; quantas vezes nas vidraças embaciadas reluzem umas estrêllas scintillantes e opalinas, com uns raios divergentes de côres diversas? Quem não terá observado este phenomeno, mórmente se, afastando-se de Lisboa, for viver na solidão do campo, entre o arvoredo de Cintra, cercado de fontes murmurosas e de veigas verdejantes!

Todos admiram o phenomeno, e poucos, talvez, o sabem explicar. Pois é simples a explicação; e já que v. exc. tanto se apraz de conhecer a razão das coisas, seguindo o preceito de Virgilio, que manda *rerum cognoscere causas*, seguil-a-hei em tão bom empenho, obedecendo aliás ás suas ordens.

Essas florescencias magnificas, singelas grinaldas do inverno, são devidas á humidade atmospherica, que se condensa nas vidraças, contornando-se phantastica e caprichosamente.

Acontece porém, ás vezes, que, sendo amena a temperatura exterior, formam-se ainda essas florescencias, como observou o sr. Berthoud em França.

Qual será a causa d'estes phenomenos?

Oiçamos o sr. Berthoud pela boca do sr. de Parville.

É sabido que os vidros são laminas mui delgadas, que separam a atmosphera exterior do interior dos aposentos.

Quando o ar está bastante quente, dissolve uma certa quantidade de vapor aquoso, que é necessario á respiração.

No inverno esse vapor, em contacto com as vidraças conductoras do frio exterior, congela-se e fórma florescencias variadas e singulares. Os contornos pittorescos e variados d'estas florescencias não tem causa conhecida. Dizem alguns que são causadas pelos veios e sulcos dos vidros, que nunca sáem completamente lisos e macios da fabrica.

O sr. Pascalis entregou-se ao estudo d'estas florescencias, e viu que na Russia affectam oito fórmas differentes, como se vê na gravura. A primeira fórma-se quando o frio é pouco intenso, e assimilha-se a uma grade, composta de linhas horisontaes e perpendiculares, atravessadas por estrellinhas de gelo, de cujos raios se prolonga um até ligar-se com o da outra. A segunda representa um bordado folliaceo. Na terceira estes bordados tomam uma fórma plumacea arborescente. Na quarta reina a fórma dendritica (ramusculosa), que é de todas a mais elegante, acontecendo ás vezes que os ramos são terminados por um rendilhado plumaceo ou folliaceo muito mimoso. A quinta só se encontra em temperaturas mui baixas, e affecta a fórma palmifera, e ás vezes a do acantho. Na sexta o desenho arborico já não é folliaceo, mas sim ramoso, e com entrelaçados lindissimos, como os sarmentos das vinhas. A setima consiste em uma planta com parecenças de talo de couve. Em fim, a ultima, que é a mais geral, é tambem a mais feia. Encontra-se nas vidraças das casas que não são aquecidas, que até a propria natureza parece escarnecer dos pobres que não tem fogão.

Mas estas flores não se encontram tão sómente nas vidraças, antes formam a propria neve, esse gélido manto que cobre as alturas terrestres. Peço licença a v. exc. para citar a opinião de Tyndall, o poeta da sciencia, como alguem lhe chamou.

Os cristaes de neve, qualquer que seja a atmosphera em que se formem, seguem sempre o mesmo typo, e sempre as moleculas se dispõem em fórma de estrella hexagonal. De um nucleo central saem seis agulhas, cujos angulos intermedios são de 60°; de cada uma d'estas agulhas saem outras mais pequenas, formando sempre o mesmo angulo; d'esta segunda serie sae outra, e assim successivamente. Estas flores de seis pétalas affectam fórmas variadissimas e maravilhosas; são desenhadas em gaze tenuissimo, e em volta dos seus angulos vêem-se algumas vezes umas rosaceas microscopicas. A belleza sobrepõe-se á belleza; o rythmo harmonico nunca é interrompido. Sempre a natureza se mostra omnipotente, até nas espheras mais exiguas. O Creador vê-se tanto na estrellasinha de gelo, candida flor a baloiçar-se na relva, como na estrella gigante que divaga nos ceos.

III

Mal sabe, porém, v. exc. que a cruel industria, a implacavel inimiga da poesia nativa e singela, que tanto lhe apraz, pretende fazer commercio com as magicas florzinhas de neve!

É verdade, minha senhora, é tristemente verdade! Muito me peza dizel-o a quem, como v. exc., adora a natureza como um sanctuario augusto, e não como um foco industrial.

Poesia e industria! Quem as podéra ligar!

Os versos do mavioso Castilho:

D'entre a orchestra da serra e do malho,
Brotam vida, cidades, amor,

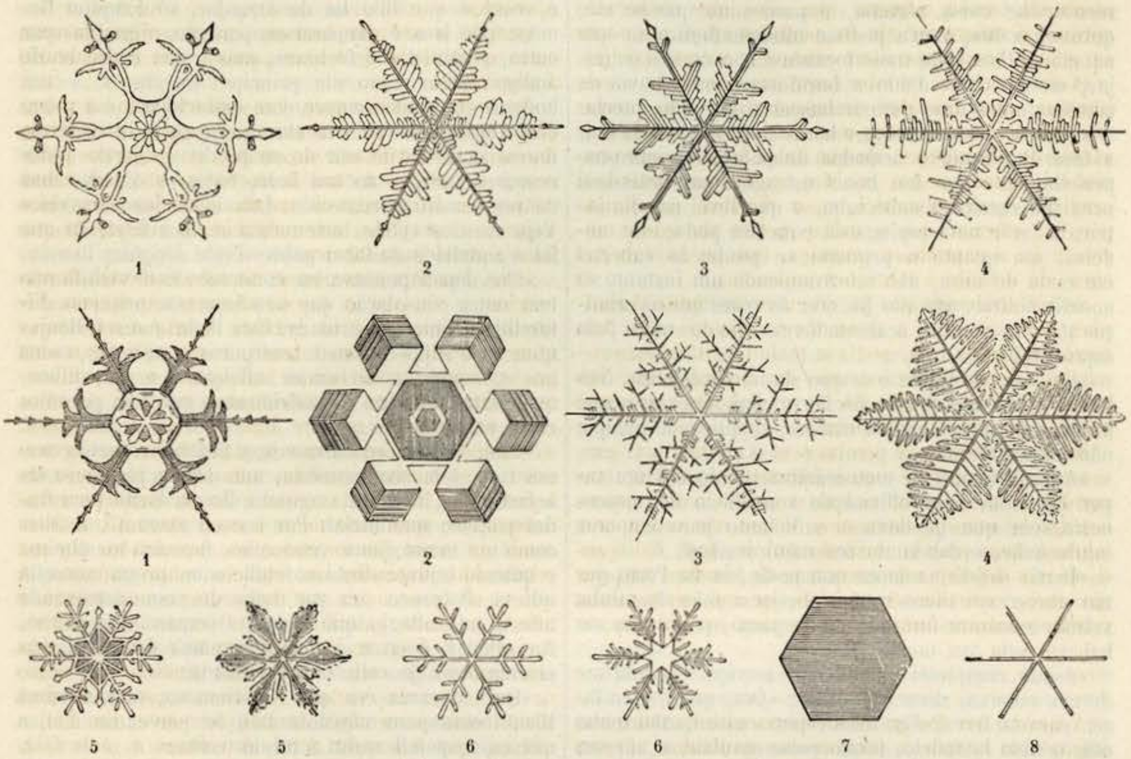
sempre pareceram a v. exc. um paradoxo. Se a poesia é a contemplação, como encontral-a na industria, a mãe do trabalho? Isto diz v. exc., e eu respondo-lhe que a *aurea ætas* já desappareceu ha muito, desde que os homens começaram a achar amarga a glande sylvestre.

Mas voltemos ás florescencias artificiaes.

O sr. Bertsch, sabio conhecido por muitos trabalhos importantes, chegou a compor estas florescencias, empregando um sal *não deliquescente*, isto é, que pouco se altere em contacto com a humidade.

O sulphato de magnesia, ou *sal d'Epsom*, é talvez o mais vantajoso. Dissolve-se este sal em cerveja espessa, ou em agua misturada com dextrina, e espalha-se em um vidro por meio de uma esponja.

Á medida que a agua se evapora, vão apparecendo os cristaes, succedendo que as fórmas são agora muito mais variadas do que as que foram analysadas pelos srs. Pascalis, na Russia, e Glaisher, na Inglaterra. O sr. Berthoud obteve trinta e duas especies diversas.



Fórmas dos cristaes da neve

Estas arborisações fixam-se solidamente no vidro, e não se despegam facilmente, posto que desapparecem quando se lavam com um panno molhado. Tornam o vidro impermeavel á luz directa, e podem servir para impedir que olhos indiscretos vejam o que se faz em um aposento, dando livre saída á vista de quem está dentro.

Córando o liquido gerador com gommas transparentes, obtem-se cristallisações azues, amarellas, rubras, etc. etc.

Em fim, empregando corpos que polarisem a luz chromaticamente, assim como o sulphato de quinino, a salicina, o acido galhico, obteremos cristallisações que, olhadas sob certas inclinações com um prisma analysador, apresentam as mais admiraveis córes do spectro solar, como que se movem, ondulam, entrecruzam-se, e como que se enroscam, produzindo um espectaculo magico e muito para se ver.

Estas cristallisações córadas podem variar infinitamente, e se v. exc. tiver curiosidade de experimentar, póde entreter algumas horas de ocio com este novo kaleidoscopo, resultado maravilhoso das cogitações fugitivas de um sabio.

Veiu logo, porém, a industria, que conheceu o lado pratico d'este *divertimento*, e é para ver como muitos andam já a cogitar no meio de fixar estas florescencias nos vidros, que poderão rivalisar um dia com essas vidraças córadas da edade média, mysticos sendaes, que deixavam passar sómente uns raios frouxos e tristes, uns reflexos timidos e descórados, que allumiavam escassamente as naves grandiosas das cathedraes gothicas.

A industria ha de ainda vencer a poesia, e talvez que em poucos annos não haja por ahi palacete de mau gosto architectonico que não tenha estas futuras vidraças. Se entrarmos em uma sala, veremos acaso uma d'essas scenas de prosa comezinha e vulgar, allumiada

Por um raio de luz, mysterioso,
Que só diz bem no templo sacrosanto.

V. exc. é inimiga figadal d'este progresso, que consiste em egualar o mais possivel as circunstancias de vida de todos os homens; eu, pelo contrario, sou partidario acerrimo e convicto da prosa que dá de comer.

Creia-me seu servo e admirador.

A. Osorio de Vasconcellos.

UM EPISODIO DE TORRES VEDRAS

(Vid. pag. 378)

«Para encurtarmos razões, meu alferes, entrei em todos os combates das linhas de Lisboa, sempre com felicidade, graças a Nosso Senhor, estive na Asseiceira, e a final, quando se fez a convenção de Evora-Monte, pedi licença e fui até ao Porto visitar a minha velha, que me saltou ao pescoço a chorar, e que me mostrou um pequerrucho, que lhe nascêra tres mezes depois da morte de meu pae.

«Eram os seus enlevos o demonico do pequeno, e o que é verdade, meu alferes, é que eu nunca vi criança mais linda do que aquella. Tinha uns olhos azues tão meigos e tão bonitos, que eu não me fartava de os beijar; e tal feitiço possuia o rapazito, que em elle olhando de certa maneira para a gente, não havia recusar-lhe coisa alguma, e parece-me que se elle quizesse a lua, e m'a pedisse olhando para mim com aquelles olhos, que mais formosos não os tem os anjos, eu dava em doido a barafustar como havia de arranjar umas azas para ir buscar o que elle queria.

«Por isso passava horas e horas ao pé d'elle em casa, a fazer-lhe chapéos armados de papel, e lembro-me perfeitamente que um bonet estraguei eu cortando-o para lhe servir na cabecinha, e que levei um dia inteiro a fazer uma espingarda com um pedaço de madeira, em quanto o pequeno se punha ás cabritas em cima de mim, não interrompendo um instante só aquelle chilrar, que nos faz crer ás vezes que as crianças são passarinhos, acalentados no seio das mães pelo sopro de Deus.

«Em fim, terminou o tempo da minha licença. Não havia quem me tirasse do Porto. Foi necessario que minha mãe me mandasse embora, supplicando-me que não fosse desertor.

«A esse tempo já meu irmão segundo era um rapaz crescido, bom official do seu officio de marceneiro, em que ganhava o sufficiente para amparar minha mãe, e dar rumo aos meus irmãos.

«Parti; depois, sempre que podia, ia ao Porto dar um abraço em meus irmãos, beijar a mão da minha velha, e enlevar-me todo no pequeno, por quem me babava cada vez mais.

«Assim completei o tempo de serviço. Quando me deram a baixa, disse commigo: «Ora, que vou eu fazer para a terra? Eu, assim como assim, não tenho officio nem beneficio, pouco posso ganhar, e em vez de alliviar a minha familia, vou-lhe talvez servir de peso. Em quanto que, se sentar praça por outro, sempre esse dinheiro junto ha de fazer conta á minha velha, e servir de alguma coisa ao meu Pedrito.

«Era Pedro que se chamava meu pobre irmão.

«Meu dito, meu feito; sentei praça outra vez, recebi umas doze moedas, porque então as substituições estavam mais baratas que hoje, peguei n'ellas, e mandei-as para o Pórto, onde serviram para as minhas irmãs comprarem alguns cordõesitos de oiro, que ellas nunca tinham tido na sua vida. Pobres raparigas!

«Passaram-se mais uns annos, e uma vez vou eu visitar a minha gente, era alli pouco antes da Maria da Fonte, e vae senão quando, diz-me assim a minha velha!

—«Ó Romão, eu tenho que te pedir uma coisa.

—«Diga lá, senhora mãe, e, se for coisa que um homem possa fazer, está feita.

—«Só tu o podes fazer. O Pedro é muito teu amigo, tem-te tanto respeito, como teria ao pae se elle fosse vivo, Deus lhe falle n'alma. Tu só lhe podes tirar da idéa uma coisa que elle lá tem encasquetada na cabeça.

—«Então que tem o Pedro encasquetado na cabeça, senhora mãe?

—«Quer por força ser corneta, ir comtigo para a cidade e sentar lá praça.

«Eu puz-me a coçar a nuca, e fiquei assim a modo assaralhopado. Ah! meu alferes, v. s. não póde comprehender o que eu senti n'aquelle instante, o futuro que eu vi na imaginação, um futuro que me encheu de tantas alegrias como um sonho feliz. Eu, que estava sempre com o corpo nos acampamentos ou no quartel, e com o coração no Porto; eu que estava só, que não tinha junto de mim uma pessoa a quem tivesse amizade cá de dentro, eu, em fim, que com vinte e nove annos de idade, nunca levantára os olhos para uma moça com o sentido do casamento, porque era todo da familia, e não pensava senão na mãe, e nas irmãs, e no Pedro; eu, que ás vezes, quando estava de sentinella, me punha a matutar sósinho nos destinos do meu irmão pequeno, e a dizer commigo: «D'aqui a pouco tempo começa elle a precisar de dinheiro, e vossê é que lh'o ha de arranjar, só Joaquim Romão; por isso é preparar-se para fazer guardas por outro, sentinellas e fachinas, mas o seu Pedro ha de andar vestido como um principe; imagine v. s. um homem que anda sempre com estas idéas, e a quem dizem de repente:» A creatura para quem tu só vives, nunca mais ha de sair de ao pé de ti, ha de andar sempre comtigo, ao teu lado, todos os dias lhe has de ver o rosto estremecido; hão de ser inseparaveis.» Veja v. s. se póde haver alguem mais feliz, do que foi n'aquelle instante o pobre d'este Joaquim Romão.

«Mas depois pensava eu commigo: Esta velhita não tem outra consolação que não seja este pequeno. Tirar-lh'o é uma barbaridade. Este Pedro é o seu Benjamim; é o filho das suas amarguras, e as mães, todos nós sabemos, tanto maior affeição tem aos filhos, quanto maiores são os soffrimentos que tem por elles e por causa d'elles.

«Mas, voltava eu outra vez, o Pedro é esperto como um rato, tem boa memoria, aprendeu a ler com toda a facilidade, e agora, segundo dizem, basta ter estudos para se ser official. Por isso eu passo a trabalhar como um moiro, junto economias, faço um mealheiro, e quando houver dinheiro sufficiente, prego com elle alli na *Polynecа*. ou que diabo de nome arrevezado tem o tal collegio que ardeu. O rapaz puxa por si, sae official, e eu e a mãe morremos de alegria da primeira vez que elle pozer a banda.

«Que loucuras em que eu scismava, meu alferes! Mas, loucuras ou não loucuras, foi por causa d'ellas que eu respondi assim á minha velha:

—«Ó mãe! vossemecê acho que faz melhor, se deixar o Pedro vir commigo! É melhor isso do que o rapaz abalar de casa um dia, e ir sentar praça ahi n'algum regimento, onde não tenha quem olhe por elle! Assim vae para o 16, eu lá estou, não o deixo pôr pé em ramo verde, sempre lhe dou alguma coisa para o rapaz se divertir, que isto de rapaziada gosta de ir aos toiros e aos arlequins. Depois metto-o no Collegio dos Nobres, e sempre queria que vossemecê me dissesse, sra. Quiteria dos Santos, o que faria se ainda visse entrar-lhe pela casa dentro o seu Pedro de banda á cinta, com este bruto do Romão por camarada.

«Em fim, eu tanto insisti, eu tanto batalhei que a pobre velhita, só por amor ao filho, e para que elle nunca dissesse que estava um pobre de Christo por culpa de sua mãe, consentiu em deixal-o partir.

—«Mas se m'o matam, se m'o ferem, se lhe desfeiam aquella carinha de um anginho de Nosso Senhor!

—«Não haja susto, mãe, tornei eu, aqui está o Joaquim Romão que tem entrado, lá pelas suas contas, em mais de trinta acções, assaltos e escaramuças, não fallando na miuçalha, que de mais a mais andou sempre a ver bem de perto a cara dos inimigos, e que apesar d'isso nunca recebeu uma bala no focinho; reze vossemecê por elle como rezou por mim;

e depois, isto de guerras já lá vae. Agora é paz e união entre todos os portuguezes, como lá em Lisboa diz um ratão que vossemecê não conhece.

«Em fim, a minha pobre mãe, debulhada em pranto, consentiu; e d'ahi a dias partimos eu e o Pedro para a capital. Logo no dia seguinte áquelle em que chegámos o meu irmão sentou praça.

IV

«Pedro, meu alferes, continuou o Romão depois de um breve silencio, era o encanto de todos os officiaes. A airosidade da sua figura, a compostura dos seus modos, e a viva esperteza que mostrava, tinham-lhe conquistado as affeições de todos. Nunca tinha uma falta no serviço, era sempre o mais aceiado da sua companhia, e eu pelo contrario, meu alferes, muitas vezes levei reprehensões do meu capitão, por não trazer o correame e o armamento tão brunido e polido como devia ser. Ora é que ás vezes não tinha tempo! levava horas infinitas a pôr o terçado e a corneta de Pedro luzentes como um espelho, a caiar-lhe as correias, e a escovar-lhe as jaquetas. Pois o pobre rapaz não havia de ter tambem a sua hora de folia? Dizia-lhe: «Vae passeiar, homem, vae-te divertir, mas vê lá não faltes ao recolher». E o rapaz ia, e eu ficava sósinho na esquadra a ver se lhe faltava alguma coisa, e a limpar-lhe tudo, a lavar-lhe as camisas para poupar na lavadeira, e até a engommal-as; pois que cuida, meu alferes? um homem deve saber de tudo. Assim é que se arranja a vida.

«Ora pois, o meu Pedrito mereceu ser feito corneta de ordens do coronel. Foi n'essa qualidade que eu e elle fizemos a campanha da Maria da Fonte.

«V. s. ha de ter ouvido dizer o que nós soffremos. Nove mezes de campanha, caindo-nos em cima o inverno mais rigoroso que nunca veiu a este paiz. Eu posso assegurar-lhe, meu alferes, que ao meu Pedro nunca faltou nada. Depois, nos sitios em que paravamos, as mulheres, que são sempre mais compassivas do que os homens, que tomavam interesse por um rapazito tão galante, e que achavam graça aos cuidados de mãe que eu tinha com elle, faziam-n'o andar, para assim dizer, de mão em mão, e tão acarinhado, tão festejado e tão regalado, que se póde afoitamente dizer, que poucos senhores officiaes apanhariam tão bons petiscos como elle.

«Pedro, como eu já disse, tinha uns modos muito delicados, e depois, como eu lhe poupava todo o trabalho grosseiro, tinha uma finura de mãos e uma brancura de pelle, que era de maravilhar quem soubesse que aquelle rapazinho não passava de ser um simples corneta de ordens do regimento de infantaria 16.

«Os patrões, onde estavamos, quando sabiam que o menino tão engraçado tinha um irmão que o tratava como se fosse mãe, queriam que eu fosse á sala; mas ora não me dirá v. s. que iria fazer cá o Joaquim Romão, com os butes enlameados, um tarimbeiro, o 33 da primeira, um bruto, com perdão de vv. ss., á sala onde estava o meu rapaz, tão ancho e senhor de si, como se não tivesse feito outra coisa toda a sua vida senão pizar tapetes.

«Mas eu de que gostava principalmente, era, quando tudo estava a dormir na cozinha, de subir pé ante pé a escada, e de ir espreitar á porta da sala onde estava o Pedro. E punha-me cá de fóra a olhar para elle enlevado, porque era mesmo da gente se benzer a maneira como elle estava sentado, e como elle respondia, de modo que as senhoras diziam umas ás outras, que parecia um principe disfarçado. E eu então punha-me a chorar de alegria, e alli estava horas esquecidas, pensando no alegrão que teria a minha pobre velha se visse o seu Pedrito tão bem tratado, sendo um simples corneta, só pela graça que lhe achavam, e pelo seu bom comportamento.

«Chegou em fim o dia funesto da acção de Torres-Vedras. Tinha chovido agua, se Deus a dava; o 16 estivera na vespera com os pés dentro de um riacho, com agua até ao joelho, e com ordem de não tugir nem mugir, nem sequer accender um cigarro, porque o inimigo estava a dois passos, e o que se não queria principalmente era que elle suspeitasse, que estavamos alli.

«Finalmente amanheceu o dia da batalha, dia fusco, sem sol, e com uma chuva exactamente como esta que está caindo. Era o que se costuma chamar um dia porco; havia lameiros que era da gente se atolar até ao pescoço, lameiros taes, que a nossa artilheria lá esteve patinhando quasi todo o dia, e que para a tirar foram mosquitos por cordas. Isto fez transtorno ao nosso *velho* [1], e obrigou cá a tropa a deixar assim como quem diz mais alguma gente no rio e no monte, para tomarmos os fortes e as pontes, e fazermos com que a cidadella se entregasse.

«O governador de Cascaes [2] não queria que houvesse batalha; mas o marechal teimou, e o certo é que levou a teima ávante com toda a habilidade. Ha poucos generaes como aquelle, meu alferes, sou eu que lh'o digo.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

A CASA EM QUE NASCEU DAMIÃO DE GOES

Agora que se falla tanto e com tanto fervor patriotico da casa em que nasceu o visconde de Almeida Garrett, e da humilde habitação em que falleceu, á mingua e sem conforto, o immortal cantor dos *Lusiadas*, que até se lhes destinam lapidas commemorativas de sua gloria, ao passo que se lhes levantam monumentos nos logares mais publicos da capital, como é o largo de Camões e o salão de entrada do theatro de D. Maria II, pareceu-nos mui apropriado o ensejo para virmos denunciar n'este archivo das glorias nacionaes a casa, perdida entre montanhas e ignorada do mundo, em que nasceu um dos nossos escriptores classicos.

Mal se lembra quem passa defronte da pittoresca villa de Alemquer, que para honrar os nobres feitos e a memoria dos grandes homens, visitando os logares que elles tornaram notaveis, não é mister deixarmos a nossa modesta casa portugueza, e irmos em custosas viagens á Italia, á Suissa ou á Allemanha ver o tumulo de Virgilio, n'uma *villa* de Napoles, ou a camara de Rousseau em Genebra, ou a faustosa residencia de Goëthe no grão ducado de Saxe-Weimar. Basta sairmos para fóra. D'este lado do Minho e do Guadiana até ao mar, tem o amador das coisas patrias muito com que se honrar a si e ás glorias d'esta terra, pelo exemplo da sua dedicação por ellas, em todos esses monumentos que a ignorancia e a malvadez, e, porque assim o digâmos, o moderno vandalismo deixam ainda, mercê de Deus, subsistir de pé.

Praz-se tão sómente de admirar um panorama en-

[1] Denominação familiar por que é conhecido entre os nossos soldados o nobre marechal duque de Saldanha. O actual embaixador em Roma, estimado e respeitado por todas as classes da sociedade, é adorado pelo exercito. Ainda hoje, apesar da sua longa ausencia do commando, e das diversas camadas de recrutas que tem vindo substituir na maior parte a que foi guiada á victoria pelo duque, ainda assim este goza de uma influencia indisputavel no exercito. Estas duas palavras, o *nosso velho*, são pronunciadas com tanta emphase e tanto amor pelos veteranos da nossa epopéa liberal, como a designação de *petit caporal*, dada ao general Bonaparte, era proferida com orgulho e fanatismo pelos soldados de 1796.

[2] Deus, debaixo do ponto de vista meteorologico. O governador de Cascaes, na phrase militar, é o Ente Supremo que solta ou retem a seu bel-prazer as chuvas e as tempestades. Quando se dá ordem para algum exercicio, o soldado accrescenta sempre: se o governador de Cascaes quizer, isto é, se não chover.

cantador quem passa pela risonha povoação. Vão-se-lhe os olhos n'ella, assentada n'uma vistosa collina, por onde as casas brancas, rodeadas de arvoredos e pomares se apinham, se espalham e dispersam, como entre penedos musgosos um rebanho de ovelhas no declive da montanha. Póde ainda o viajante, contemplando o panno de muralhas do antigo castello moirisco, que lhe serve de diadema, evocar da obscuridade dos tempos as temerosas proezas do primeiro Affonso; e por ventura, ouvindo ao longe o suave murmurio das aguas do seu rio, que tiveram echo no plectro de Camões, recorde a piedade de Isabel, e veja na phantasia, embevecida em taes encantamentos, a imagem pura da esposa santa que a tradição popular coroou segunda vez de immarcessiveis capellas, e que por lá vagueia silenciosa ás horas da poesia e da saudade do luar.

Raro porém é aquelle que se lembra de estar tão perto do berço de Damião de Goes, varão illustre e tão celebrado nas letras pela sua chronica do reinado de D. Manuel, como na politica por suas altas missões diplomaticas, como finalmente na historia pelo processo que lhe moveu a inquisição, e cujas peças e curiosos documentos, reunidos n'um volume, devemos á penna elegante e laboriosa de Lopes de Mendonça [1]. E todos correm a ver a fabrica de papel, edificada á beira do rio por ordem do marquez de Pombal, para fornecer os seus productos á imprensa nacional; e á moderna fabrica de lanificios, devida á iniciativa industrial e benefica do illustrado subdito francez, mr. Lafourie. Alguns se aventuram ainda a visitar o hospital, fundado pela piedade de uma virtuosa senhora, e estabelecido no edificio de um convento instituido por uma das nossas infantas, convento erguido por uma filha de reis, hospital aberto por uma filha do povo! Outros mais curiosos penetram no antigo palacio e capella do Espirito Santo, actualmente quasi em ruinas. Mas na casa de Damião de Goes... ninguem!

Eu fui, e não me arrependo de ter ido.

Tomando pela extremidade oriental da villa, e subindo por uma ingreme vereda, cortada na montanha, vae-se ter em direitura á memoravel casa. De um e de outro lado do caminho as vertentes da montanha afundam-se em altos barrocaes, abraçando-se umas ás outras. Arido e triste é o aspecto geral da paizagem. Parece que nos pésa sobre o peito a massa enorme d'aquelles montes escalvados, onde falta a harpa maviosa dos pinhaes em que suspira o vento, e onde o rouxinol, por noites de maio, não vae desprender do flebil ramo as namoradas endechas e as doces magoas que lhe burbulham no seio, turgido de harmonias. É que importa que a uns duzentos passos de nós se levante, coberta de verdes e flores, a collina alterosa em que do lado opposto se reclina graciosamente a povoação, se do flanco que avistâmos se penduram os ultimos vestigios de um bairro antiquissimo, denominado da *Judiaria*, miniatura quasi apagada de Alfama, que lhe dão um ar de tão pronunciada tristeza... não d'essa tristeza suave que nos inspiram as ruinas pittorescas, mas d'essa outra mais funda e mais acerba que todos experimentam em presença de um montão de pedras negras, que foram habitação de homens, e que estão patenteando o nada da existencia, quer aquelle que as visita e as contempla seja um poeta, como Lamartine, e encha o mundo com os ais da sua lyra, quer seja o rude pegureiro que sobre a tarde anima a mimosa solidão dos valles com as toadas lamuriantes da sua frauta pastoril.

Está assente n'uma chã da serra a casa em que nasceu Damião de Goes. Edificio vasto, bem proporcionado, com todas as accommodações necessarias a uma boa casa de lavoira, e sem notaveis bemfeitorias que alterem a primitiva construcção e divisão interior, que é ainda a mesma que sempre fôra, a darmos credito a tradições populares, unica fonte verdadeira d'estas curiosas investigações. Em nada a desfeia ou prejudica uma grande adega que o seu actual possuidor levantou, encostada á face oriental da casa, senão que muito a embelleza com uma extensa varanda, ou, para melhor dizer, terrasso, que por todos os lados circunda aquella altiva natureza de empinadas montanhas, tristes mas grandiosas na sua imponente magestade.

Figuremos um quadro ao qual se apague um dos lados; ahi estão os primeiros lineamentos da planta do edificio. Agora, sobre as tres linhas que restam, assentem-se os alicerces, alinhem-se as paredes, unam-se as extremidades umas ás outras, firmem-se as traves, estendam-se os pavimentos, lancem-se as escadas, corram-se os tectos, rasguem-se as janellas, abram-se as portas, e teremos completa e acabada a casa de Damião de Goes.

Mas que ha ahi de tão curioso? — dir-me-ha talvez o leitor. Tudo e nada! — dir-lhe-hei eu. É uma casa como qualquer outra, mas é a casa em que nasceu o famoso chronista do monarcha aventurado. E não ha senão esta. É uma só.

Não nos desampara a esperança de fazermos com que o *Archivo Pittoresco* dê aos seus leitores a estampa d'esta casa, que já nos foi promettida, aguardando para então o demorarmo-nos mais sobre este interessante assumpto, a que tanto nos prendem as glorias de D. Manuel e a memoria de um grande homem, enlaçadas juntamente no livro de Damião de Goes, sua perpetua coroa.

Foi por largos annos dos marquezes da Cunha esse notavel edificio, que pertence actualmente ao distincto medico de Alemquer, o dr. Francisco Narciso Attilano, o qual por sua notoria illustração, já adquirida na conversação dos livros, já no que observou nos paizes estrangeiros que percorreu durante alguns annos, não desconhece, por certo, o raro valor d'estes preciosos monumentos nacionaes.

ALBERTO TELLES.

[1] *Damião de Goes e a Inquisição de Portugal*, por A. P. Lopes de Mendonça, Lisboa, 1859.

DEDICAÇÃO E GENEROSIDADE

Em desaggravo de offensas e damnos feitos ao rei de Melinde, antigo alliado da coroa de Portugal, pelos habitantes da cidade de Oja, situada na costa de Moçambique, deram-lhe assalto os portuguezes, e, depois de a tomarem, deixaram-n'a reduzida a um montão de ruinas. Succedeu isto no anno de 1507.

No mais rijo do ataque, um moiro nobre, julgando perdida a cidade, tentou evadir-se d'ella, salvando sua esposa. Quiz porém a sua sorte mofina que, ao sair da praça, fosse encontrar-se com Jorge da Silveira, que, com outros companheiros, ia por alli fazer uma diversão ao inimigo. O moiro, medindo toda a grandeza do perigo, decide-se a dar a vida pela mulher. Diz a esta que fuja, em quanto elle combate, e entretem os inimigos; e arremette valorosamente com os portuguezes. Apesar da desegualdade da lucta, por alguns momentos o intrepido moiro fez jorrar o sangue dos seus contrarios, sem que alguem lhe tocasse. Mas este esforço não podia durar muito. Quando as espadas, que por todos os lados o accommettiam, iam, em fim, traspassal-o, acha-se de improviso abraçado pela esposa, que, não querendo viver sem elle, recusára fugir, e agora offerecia o peito e a vida ao mesmo golpe. Então Jorge da Silveira, commovido com esta scena, suspende o furor dos seus, e premeia tanto valor e tão sublime dedicação conjugal, concedendo aos dois esposos vida e liberdade.

I. DE VILHENA BARBOSA.